

O REALISMO AFETIVO EM *ELITE DA TROPA* E A ESTÉTICA DO CHOQUE EM *TROPA DE ELITE*

Aluna: Márcia Gonzaga de Brito¹
Orientador: Karl Erik Schøllhammer

Introdução

Os problemas enfrentados pela sociedade brasileira desde o último século não são poucos. A violência é considerada uns dos problemas mais alarmantes. Os índices de vítimas da violência chegam hoje a 45.000² mortes por ano, e no Rio de Janeiro os dados são mais assustadores, já que o estado lidera o ranking nacional de homicídios por arma de fogo de jovens.³ Percebe-se, contudo, que as artes contemporâneas não ignoram a situação da violência, e procuram representar a realidade que o cerca.

Grande parte das produções cinematográficas brasileiras a partir do ano de 2001, denominado de cinema *pós-retomada*, abordam a temática violência. Além da temática em comum, esses filmes também contribuíram para a atração de público, já que os brasileiros passaram longos anos distanciados das produções nacionais. Com a presença de espectadores nas salas de cinema, esses filmes abriram as portas para novas produções, por exemplo, *Tropa de Elite*.

Além do revigoramento do cinema nacional, existe um movimento de adaptação de textos literários para o cinema. Segundo Avellar, o diálogo entre a literatura e o cinema foi iniciado já no modernismo brasileiro, no qual este movimento de vanguarda possuía influências das artes que vingavam da Europa, onde o cinema ganhava cena:

Para compreender melhor o entrelaçamento entre o cinema (em especial o que começamos a fazer na década de 1960) e a literatura (em especial a que começamos a fazer na década de 1920), talvez seja possível imaginar um processo (cujo ponto de partida é difícil de localizar com precisão) em que os filmes buscam nos livros temas e modos de narrar que os livros apanharam em filmes; em que os escritores apanham nos filmes o que os cineastas foram buscar nos livros; em que os filmes tiram da literatura o que ela tirou do cinema; em que livros voltam aos filmes e os filmes aos livros numa conversa jamais interrompida.⁴

Esse movimento cíclico permanece até a atualidade, no qual a literatura e o cinema continuam trocando entre si temas e modos de narrar. Talvez essa relação seja mais intensificada hoje pelo mercado editorial, no qual os escritores cedem o direito de adaptação da sua obra para outras mídias. Verifica-se, dessa forma, o quanto essas duas artes estão entrelaçadas e o quanto esse entrelaçamento é estimulado, como é o caso do filme *Tropa de Elite*, de José Padilha, e do livro *Elite da Tropa*, de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel.

¹ Aluna graduada na PUC-Rio em 2009.1. Sua bolsa PIBIC foi transferida para Viviane Ribeiro de Almeida.

² Segundo os dados do *Reuters Bureau*.

³ Dados retirados da entrevista com diretor de Pesquisas do Instituto Sangari, Julio Jacobo Waiselfisz. Site: <http://www.comunidadese segura.org/pt-br/node/31020>

⁴ AVELLAR, José Carlos. *O Chão da Palavra*. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 2007.

Objetivos

A presente pesquisa procurou investigar a tendência na literatura e no cinema em retratar a realidade. Diante disso, torna-se relevante o estudo das formas vigentes do realismo entre elas o realismo afetivo. Logo, é importante examinar como é feita a retratação da realidade e quais são os seus limites representativos. Existem muitas polêmicas em torno dessa nova tendência, por conta disso, o desafio da pesquisa foi estudar o realismo afetivo em relação às obras *Elite da Tropa* e *Tropa de Elite*.

Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de periódicas reuniões com o orientador e leituras teóricas sobre ficção e realidade. Além da participação da aluna em duas disciplinas do programa de pós-graduação de Letras da PUC-Rio, *Narrativas do Real* e *Representação Literária e Representação Visual*, e no *IX Seminário Internacional de Estudos de Literatura: Literatura e Realidade*. Como parte de reflexão da pesquisa, foram realizadas apresentações no *XVI Seminário de Iniciação Científica da PUC-Rio* e na *VII Semana de Letras da PUC-Rio*.

Elite da Tropa e Tropa de Elite

O filme *Tropa de Elite* é uma adaptação do livro *Elite da Tropa*, essas obras retratam a atuação da polícia, com ênfase no Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), nas favelas cariocas e o caos da violência urbana no Rio de Janeiro. O filme e o livro são obras com aspectos específicos e conflitantes que provocam recepções variadas e polêmicas. As diferenças surgem em consequência das diferentes formas narrativas e das linguagens descritivas usadas na representação e expressão da realidade. *Elite da Tropa* atingiu menor público do que o filme, fato comumente esperado, já que se trata de um livro e o hábito de leitura não é tão comum na cultura brasileira. O interessante, porém, é que os intelectuais e os críticos sempre deram preferência à discussão do filme e raramente faziam referência ao livro. Percebe-se, contudo, que o livro é tão violento quanto o filme e mostra quão complexa é a violência carioca.

Elite da Tropa constrói uma relação tênue entre ficção e realidade, o livro é uma ficção, no sentido que formula estruturas narrativas ficcionais, porém existem elementos fatuais e documentários que contribuem para a associação direta à realidade histórica. Esses elementos vão desde a escolha da narração em primeira pessoa até as relações biográficas dos autores com os fatos narrados, já que os três escritores participaram diretamente da Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro.⁵

A estrutura do livro em pequenos relatos sugere certa aproximação do texto com a realidade. O relato estabelece uma relação intrínseca entre o passado e o presente, uma vez que o passado é presentificado através do testemunho. Outro fato relevante para análise da obra é que os relatos são narrados em grande maioria em primeira pessoa, entretanto, em alguns momentos a narração ocorre em terceira pessoa, por exemplo, o relato intitulado “Política”. A narrativa em primeira pessoa causa maior proximidade do narrador com o assunto narrado, conseqüentemente torna-se uma estratégia persuasiva, característica, esta, do gênero testemunhal. A narrativa em terceira pessoa gera o distanciamento do narrador com o texto, pode-se inferir, neste caso, que o narrador relata experiências de terceiros ou procura se distanciar para evitar o comprometimento.

⁵ Luiz Eduardo Soares foi Subsecretário de Segurança e Coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro; André Batista é Capitão da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e foi membro do BOPE entre 1996 e 2001; e Rodrigo Pimentel foi Capitão do BOPE de 1995 a 2000.

A relação íntima com o fato narrado, o texto exposto em forma de relatos e o uso de fatos verídicos, como a guerra na Rocinha, possibilitam ao leitor questionamentos sobre o realismo do texto. Questionamentos, estes, que são estimulados no prefácio do livro:

Os relatos que compõem este livro são ficcionais, no sentido de que todos os cenários, fatos e personagens foram alterados, recombinações e tiveram seus nomes trocados. Se, por acaso, nossa imaginação se equiparar com que realmente acontece, talvez isso decorra do fato de termos escrito este livro a partir de nossas experiências, e de termos vivido, cada um à sua maneira, a realidade da segurança pública do Rio de Janeiro.⁶

Observa-se no fragmento que os autores assumem comprometimento do texto com a realidade, mas ao mesmo tempo camuflam essa realidade com alguns elementos ficcionais. Este posicionamento pode ser uma tentativa de se desviar de possíveis problemas judiciais, pelo fato do livro abordar de questões polêmicas.

O filme *Tropa de Elite*, diferentemente do livro, provocou reações muito diversas entre o público e foi questionado por sua ambigüidade ética. Uma leitura veria no *Tropa de Elite* um emblema de denúncia contra a tortura e outra leitura uma apologia a estas práticas. Percebe-se, por exemplo, que as diferentes recepções do filme estão relacionadas à construção do personagem principal, Capitão Nascimento, um policial em crise, que narra em primeira pessoa sua trajetória.

Tropa de Elite, dessa forma, mostra a visão de Capitão Nascimento, que representa apenas um lado da moeda. O público fica exposto a esse olhar doente e conturbado sem distanciamento da situação narrada. Segundo o crítico de cinema Daniel Caetano, o público pode considerar Nascimento um criminoso por torturar bandidos e até mesmo pessoas que não tenham envolvimento com o tráfico, ou considerá-lo um herói que luta contra o crime, e por estar em uma guerra civil faz uso da tortura para o bem da população. O filme, porém, não se posiciona diante desse narrador, já que Nascimento não vai preso e nem soluciona o problema do tráfico. E, assim, deixa a mercê do espectador o tratamento moral diante da obra. Esse posicionamento ambíguo do filme é a proposta de construção do enredo da obra, na qual o público faz suposições e conclusões. Característica, esta, segundo Caetano, comum em documentários:

É curioso que, tendo feito antes o filme *Ônibus 174*, um documentário com fortes características de *thriller* melodramático, catártico ao extremo, José Padilha faça agora um filme de ficção que se equilibra de modo ambíguo sobre o discurso de seu personagem, como é comum aos documentários.⁷

O filme se propõe a expor o problema da segurança pública como “realmente se passa”, apropriando-se da linguagem do gênero documentário. Essa postura é complementada com as imagens, visto, por exemplo, que possui cenas captadas sem tripé, com câmera na mão que registram imagens tremidas e sem foco. O diretor de fotografia, Lula Carvalho, faz uso do movimento de câmera chamado *chicote* (whip pan), cuja característica é o movimento rápido de um assunto para outro criando ligação direta entre as cenas. O *chicote* oferece mobilidade e

⁶ SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. p.11

⁷ CAETANO, Daniel. **NA CORDA BAMBÁ, ROENDO O OSSO: Sobre a estratégia narrativa de *Tropa de Elite***. In: *Contracampo* revista de Cinema. Site: <http://www.contracampo.com.br/90/artcordabamba.htm>

dinamicidade e é muito utilizado em *Tropa de Elite* nas cenas de confrontos entre policiais e traficantes, que complementam os movimentos bruscos das personagens que simulam a guerra. A sensação é como se a câmera fosse olho do espectador, que vira o rosto rápido, corre e se esconde para não sofrer um tiro. Esses recursos imagéticos são comumente encontrados nos telejornalismos que documentam confrontos nas favelas, como, o programa “Balanço Geral” de Wagner Montes.

As imagens do filme são complementadas com a montagem fragmentada (sem ordem cronológica) e com a exploração dos recursos sonoros. O som de *Tropa de Elite* é provocador, pois é composto por música alta e em ritmo acelerado, por exemplo, o “Rap das Armas” dos Mcs Junior e Leonardo e a música que intitula o filme “*Tropa de Elite*” de Tihuana. O som também é composto de diálogos diretos, com uso de linguagem vulgar, que se tornaram jargões e foram incorporados nas falas dos jovens, como as expressões “pede pra sair”, “você é moleque” e “o senhor é um fanfarrão”. Os efeitos estéticos geram no espectador sentimentos que oscilam entre o agradável e o desagradável. Nesta perspectiva, *Tropa de Elite* não pode ser considerada um exemplo de *realismo afetivo*, já que se propõe a causar efeitos de convencimento, como uma “verdade” imposta, através do choque.

Os efeitos estéticos proporcionados pelo modo de narrar presente no livro contribuem para a tese do retorno da tendência realista encontrada na literatura e nas artes contemporâneas. *Elite da Tropa* enquadra-se nessa nova concepção de realismo, pois o leitor é afetivamente envolvido com a narrativa e enxerga um policial mais humano, embora este personagem cometa atitudes cruéis.

O Realismo Afetivo e a Estética do Choque

O realismo presente hoje procura transgredir o *realismo histórico*, iniciado no século XIX, de princípios miméticos, ao colocar a referencialidade no cotidiano de seu receptor e criar uma relação afetiva entre obra e receptor. Essa relação na mídia televisiva é mais nítida, embora seja menos comprometida com a seriedade. A televisão mostra maior índice de audiência quando ocorre a identificação imediata do espectador com os participantes e as histórias mostradas. E quando se abre espaço para o público tornar-se integrante do programa a atração é maior ainda. Isso pode ser visto hoje no programa *Fantástico*, no qual exhibe no final de alguns blocos pequenos vídeos, que o público expõe sua opinião sobre uma determinada matéria minutos antes exibida. O objetivo do telejornal é ligar-se afetivamente ao seu receptor, com intuito de ganhar maior público.

O *realismo afetivo* procura ressaltar o aspecto performático e transformador da linguagem literária e da expressão artística, na busca de efeitos estéticos com força ética de transformação. Essa tendência almeja o comprometimento, não apenas na abordagem do tema, mas também nas valorizações afetivas e estético-expressivas, relacionadas com a criatividade técnica e artística voltadas para os efeitos de realidades. Essa nova tendência possui exigência criativa com o intuito de marcar a sensibilidade ética. Nesta perspectiva, *Elite da Tropa* se enquadra nessa nova concepção de realismo, já que os elementos estéticos da obra, por exemplo, a organização de livro em pequenos relatos, o uso de primeira na narrativa do livro e o tema relacionado com sociedade atual, causam efeitos de realidade e contribuem para a relação afetiva do texto com os leitores.

O filme *Tropa de Elite*, por sua vez, não se enquadra na nova tendência realista, enquadra-se apenas como uma obra que ressalta a estética do choque, cuja característica é desestabilizar o espectador através do choque ou da agressão. Esta proposta tem como base o Cinema Novo e o Cinema Marginal, que, com características diferenciadas, valorizavam a estética do choque. Atualmente, essas propostas foram reavaliadas e reinterpretadas, já que através das narrativas e das estéticas visuais e sonoras os filmes se tornaram mais violentos. Assim, no filme aqui analisado o olhar do espectador é violentado, e ele é intimado a entrar na realidade fílmica, ao ponto de sentir mal-estar com a situação apresentada. Essa sensação é culminada com a última cena do *Tropa de Elite* quando Matias dispara um tiro no espectador.

Considerações Finais

Na contemporaneidade, pode ser observada a tendência da “volta do real” (FOSTER, 1996), percebe-se, porém, que se mostra uma representação da realidade diferente de outras correntes, como, o *realismo histórico*. A atual representação recebeu influências dos realismos passados, mas o seu potencial está na relação afetiva da obra com o receptor. O novo realismo conquista os afetos de seu público e faz uso da linguagem trabalhada que mescla ficção e realidade, na qual estabelece a fronteira tênue entre esses dois elementos.

Verifica-se nas obras analisadas, *Tropa de Elite* e *Elite da Tropa*, que apenas o livro pode ser classificado como pertencente ao *realismo afetivo*, já que sua estética colabora para efeitos de realidade e conquista afetivamente o receptor. Percebe-se, também, que o presente realismo não tem a preocupação de fidelidade com o real, mas sim de causar efeitos que contribuem para a associação com a realidade. O filme *Tropa de Elite* não pertence ao novo movimento realista, pois sua estética inspira modelos de representação que possuem a finalidade de agredir, de chocar o receptor. Com essa proposta, o espectador do filme é intimado a entrar na narrativa e se tornar cúmplice dos atos bárbaros cometidos pelas personagens.

Assim, na performance da ficção atual, pode-se encontrar narrativas com fronteiras ambíguas que flutuam entre o verdadeiro e o falso, o real e o ficcional, e que marcam afetivamente o leitor. No entanto, também ocorrem na atualidade algumas narrativas causam efeitos adversos, e que chocam o seu receptor.

Referências Bibliográficas:

AVELLAR, José Carlos. *O Chão da Palavra*. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 2007.

CAETANO, Daniel. “NA CORDA BAMBA, ROENDO O OSSO: Sobre a estratégia narrativa de *Tropa de Elite*”. In: *Contracampo revista de Cinema*. Site: <http://www.contracampo.com.br/90/artcordabamba.htm>

FIGUEIREDO, V.L.F. “Encenação da Realidade: fim ou apogeu da ficção?” *18º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Belo Horizonte, 2009.

_____, V.L.F. “Uma Questão de Ponto de Vista: A Recepção de *Tropa de Elite* na Imprensa.” *17º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. São Paulo, 2008.

FOSTER, H. *The Return of the Real*. Cambridge, Mass.; London: MIT Press, c1996.

OLINTO, Heidrun e SCHØLLHAMMER, Karl Erik (Org). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro. Ed.PUC, 2002.

PELLEGRINI, Tânia; JOHNSON, Randal; XAVIER, Ismail e AL, ET. (Org) *Literatura, Cinema e Televisão*. São Paulo: SENAC São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2003.

PINTO, S.R. *Notas sobre o Realismo*. Site: <http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/a207.htm>

SCHØLLHAMMER, K.E. “Os novos realismos na arte e na cultura contemporânea.” *Comunicação, representação e práticas sociais*. PEREIRA, M.; GOMES, R. C. e FIGUEIREDO, V. L. F. (Org.). Rio de Janeiro. Ed. PUC/Loyola, 2005. 282. p

_____, K.E. “Relações entre Cultura e Violência no Brasil Contemporâneo.” *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº29, p.27-53, jan./jun. 2007.

_____, K.E. “À Procura de um Novo Realismo: Teses sobre a Realidade em Texto e Imagem Hoje.” In: OLINTO, Heidrun e SCHØLLHAMMER, Karl Erik (Org). 2002. p.76-90.

SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. *Elite da tropa*. Rio de Janeiro. Objetiva, 2006.

VALENTE, Eduardo. “*Tropa de Elite, de José Padilha: na terceira pessoa do documental*”. In: *Revista Cinética: Cinema e Crítica*. Site: <http://www.revistacinetica.com.br/tropadeelite.htm>

XAVIER, Ismail. “*Do Texto ao Filme: a Trama, a Cena e a Construção do Olhar do Cinema*.” In: PELLEGRINI, Tânia; JOHNSON, Randal; XAVIER, Ismail e AL, ET (Org). 2003

Sites:

<http://www.luizeduardosoares.com.br/>, acessado em 22 de junho de 2009.

<http://www.comunidadesegura.org/pt-br/node/31020>, acessado em 19 de junho de 2009